



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RODOLFO ROMEY MOHR LANGHANZ

(entrevista)

2011

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-334

Entrevistado/a: Rodolfo Romey Mohr Langhanz

Nascimento: 04/12/1986

Local da entrevista: Casa do entrevistado, Rua dos Andradas, Porto Alegre.

Entrevistador/a: Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior

Data da entrevista: 16/10/2011

Transcrição: Fabiane de Oliveira Batista

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 01 horas 29 minutos e 05 segundos

Páginas digitadas: 37

Observações: Entrevista realizada para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso de Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior intitulado “RU na ESEF Já”: o movimento estudantil lutando por assistência na Escola de Educação Física da UFRGS”, apresentado em dezembro de 2011.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Relação do entrevistado com o movimento estudantil; relação com o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Movimento de Estudantes; Diretório Acadêmico da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação; Campanha do Restaurante Universitário da Escola de Educação Física; Ato do Treze de Setembro; Ocupação da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Inauguração do Restaurante Universitário da Escola de Educação Física; Impactos e saldo da campanha; A importância do Movimento de estudantes.

Porto Alegre, 16 de outubro de 2011. Entrevista com Rodolfo Romey Mohr Langhans, a cargo do pesquisador Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.J. - Em 2006 qual era a tua relação com o Movimento Estudantil?

R.L. - 2006 foi o ano que eu entrei na UFRGS¹ no curso de Jornalismo e em junho de 2006 eu assumi junto com uma chapa. A gente assumiu a gestão do Diretório Acadêmico (DA) da Comunicação e a partir de então eu comecei a participar do Movimento Estudantil regularmente, a conhecer pessoas de outros Diretórios Acadêmicos (DAs) e do próprio DCE.²

C.J. - E como era a relação do DCE com o Diretório Acadêmico da Educação Física na época de 2005/2006?

R.L. - Olha o Diretório Acadêmico da Educação Física foi um dos primeiros que eu me relacionei na primeira reunião que participei. Na verdade, antes disso até, porque antes da gente assumir a gestão do Diretório Acadêmico a gente participou da eleição de delegados da Comunicação para o II Congresso de Estudantes da UFRGS que foi, se não me engano, foi 5 e 6 de junho de 2006. O dia eu não me lembro exato mas sei que foi no primeiro dia da Copa do Mundo de 2006 da Alemanha, foi uma sexta-feira se não me engano, ou uma quinta, não me lembro exatamente o dia da semana. Mas por dois dias inteiros a gente estava ali na Faculdade de Direito e na primeira rodada de apresentação dos cursos na mesa de abertura, eu conheci a galera da Educação Física. Do Congresso que tinha umas, sei lá, naquele dia, umas cem pessoas. A bancada da Educação Física era uma das mais representativas, se não me engano tinha doze/quinze pessoas, estava bem forte o conjunto dos colegas e isso me impressionou positivamente porque o meu curso estava bem organizado também, tinha levado uns oito delegados. Então teve essa identidade assim dos dois cursos bem mobilizados para o Congresso e ao longo do Congresso eu conheci algumas pessoas do Diretório, tanto nos espaços do Congresso quanto nos intervalos e a gente começou a conversar e interagir sobre a pauta que o Diretório Acadêmico levava como prioridade para o Congresso e, a partir de

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Diretório Central de Estudantes.

então, estabelecemos uma relação que dura na verdade até hoje. Eu ainda estou no Movimento Estudantil da UFRGS, no DCE, na UNE³, e até hoje tenho contato com o Diretório Acadêmico, com o povo. A questão do DCE junto tem uma relação bastante próxima, mas não tão intensa quanto nos anos de 2006, 2007 e 2008 que a minha segunda casa era a ESEF⁴. Depois da FABICO⁵ era o campus que eu mais visitava, fui em muitas atividades lá e desde o começo foi uma relação de bastante solidariedade com a pauta, de identidade com a questão que estava sendo trabalhada, a gente tinha uma empatia muito grande com os colegas da Educação Física. E aí, logo depois do Congresso, a gente teve o Conselho das Entidades de Base que é a reunião dos DAs⁶ e CAs⁷ da UFRGS e a gente sempre fazia uma boa relação, a gente era os dois DAs novos, fortes e organizados e independentes, que não tinham vínculo direto com nenhum coletivo e tal, apesar de que ser [palavra inaudível] há pouco tempo... E o próprio pessoal da ESEF, do Diretório Acadêmico constituíram um coletivo próprio para além do Diretório Acadêmico, e relação nessa época era mais ou menos essa.

C.J. - E o que é que tu sabias sobre o RU⁸ da ESEF antes da campanha?

R.L. - Sabia só que não tinha. Quando eu entrei na UFRGS... Na verdade, eu entrei em 2004, a primeira vez, entrei no curso de Biblioteconomia por essas jogadas aí de azar e sorte eu não passei no Jornalismo, depois me chamaram... Na época ainda tinha segunda opção, me chamaram em Biblioteconomia. Daí eu entrei na UFRGS e tu vais tomando conhecimento de como é a universidade, então, eu sabia que tinha RU no Campus Saúde, onde eu estudava. Fui um dos últimos a comer no RU velho, ali na Psicologia, onde hoje é a biblioteca da Psicologia. A gente comia ali, eu ia uma vez por semana na UFRGS, tinha uma aula, ia na biblioteca, aí tu vais criando relações, vais conhecendo alguém que conhece alguém da Educação Física e, na verdade, o meu setor acadêmico na época o CEAB que representava os alunos da Biblio e se chamava Centro dos Estudantes de Arquivologia e Biblioteconomia tinha uma gestão bem forte também. Tinha a Fernanda Melchionna, que hoje é vereadora de Porto Alegre. Ela era uma das

³ União Nacional dos Estudantes

⁴ Escola de Educação Física.

⁵ Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

⁶ Diretórios Acadêmicos.

⁷ Centros Acadêmicos.

⁸ Restaurante Universitário.

coordenadoras do Centro Acadêmico e foi através dela que fiquei sabendo que não tinha RU lá... Nós discutíamos a Reforma Universitária na época e uma das coisas sempre foi a assistência estudantil e a UFRGS era muito precária na assistência estudantil nessa época. Tinha os RUs que eram bons mas, para além dos RUs, tinha só a bolsa da SAE⁹ que era muito baixo o valor. Olha, estou para te dizer que em 2004 o valor da bolsa era algo em torno de 150 pila assim, muito baixo o valor. Isso foi em 2004, eu sei que depois em 2005 eu continuei na UFRGS até antes de entrar no Jornalismo e fizeram uma greve de bolsistas. Eu acredito que essa luta de assistência estudantil foi muito mais ampla do que o RU da ESEF, mas ela só tomou a dimensão que teve pela questão do RU.

C.J. - E antes da campanha em que situação se encontrava o Movimento Estudantil da UFRGS?

R.L. - Antes da campanha... A campanha, se não me engano, começou em 2006, antes da campanha o Movimento Estudantil da UFRGS estava retomando o ascenso das suas mobilizações e foi uma conjunção de fatores que levou a isso. Quando eu entrei em 2004 o DCE era dirigido por um grupo chamado “Mãos à Obra”, com vinculação ao PT¹⁰ da Maria do Rosário¹¹, que foi a gestão de 2004. Portanto, foram eleitos no final de 2003 e a plataforma central deles era “greve, agora não” uma crítica que eles faziam aos técnico-administrativos da Universidade que fizeram greve contra a Reforma da Previdência no governo Lula¹² que, inclusive, foi um marco importante para a Universidade porque foi um divisor de águas. Em 2003, quando o Partido dos Trabalhadores chega ao poder, faz uma Reforma da Previdência que ataca os direitos dos trabalhadores e dos aposentados de uma maneira bastante cruel, assim ao ponto de retalhar dissidentes dentro do PT, enfim comprar outros parlamentares e uma série de relações fisiológicas espúrias. No movimento estudantil também tem repercussão porque foi a última vez que eles foram eleitos para o DCE, nunca mais ganharam no DCE e eles vieram com um discurso muito conservador, muito reacionário desse ponto

⁹ Secretaria de Assistência Estudantil

¹⁰ Partido dos Trabalhadores.

¹¹ Na época Deputada Federal do Rio Grande do Sul.

¹² Luis Inácio Lula da Silva, Presidente do Brasil entre 1º de janeiro de 2003 a 1º de janeiro de 2011.

de vista de criminalizar o direito de greve na qual era um dos princípios fundacionais do PT que foi um partido fundado no movimento sindical, nas greves. O Lula era o principal líder nas greves do Brasil no final dos anos 1970 e 1980... E o Movimento Estudantil ser da parte daqueles que iam fazer um confronto com o movimento sindical e esse grupo acabou estacionando o Movimento Estudantil da UFRGS. Tanto que no ano de 2004, a então Reitora Wrana¹³, através da Secretária de Assuntos Estudantis, anunciou um aumento do valor do RU de 1,30 para 2,40 reais. Pode parecer pouco noventa centavos, mas proporcionalmente, eram quase 100% de aumento e o principal é que abriu o precedente de aumento do valor do RU que nós poderíamos hoje estar numa escalada de acordo com a inflação. Se eles fossem seguir esses parâmetros num valor muito mais alto e o DCE naquele ano foi negligente, fez uma reunião com a Reitora e saiu da reunião e publicou no jornal escrito “Primeiro aumento do RU em oito anos”. Então, olha o estado do Movimento Estudantil antes da campanha do RU da ESEF: era um DCE que se elegeu contra o Movimento dos Trabalhadores, um DCE que não organizou uma mobilização contra o aumento do RU, e aí foi muito interessante que vários centros acadêmicos, não tenho certeza se o DAEFI¹⁴ estava... Até nós temos que procurar para fazer esse resgate, mas sei que o CHIST¹⁵ da História estava, o CECS¹⁶, o Diretório da Comunicação menos, mas estava a Biblioteconomia muito forte na mobilização. Sei que a Arquitetura também mobilizou bastante, foram vários cursos acho que, se não me engano, até o CUE¹⁷ esteve bastante envolvido nisso para organizar uma mobilização que juntou algo como quatrocentos estudantes em frente à Reitoria contra o aumento do RU e barrou o aumento. Nesse momento essa luta do RU tomou muita força no RU, acho que inclusive foi a ante-sala que deu condições para a campanha do RU da ESEF ter tanta força. Foi um ato em que se reverteu o aumento, não teve o aumento do Ru tanto que até hoje, outubro de 2011, a gente paga os mesmos 1,30 reais e os estudantes que têm carência sócio-econômica pagam cinquenta centavos. E aquele grupo que fez essa mobilização, essa galera toda que organizou a mobilização constituiu uma chapa para o DCE chamada “Consciência para ter coragem” que, inclusive, foi meu primeiro voto para o DCE da UFRGS. Votei... Até eu era estudante

¹³ Wrana Maria Panizzi, Reitora entre 1996 a 2004.

¹⁴ Diretório Acadêmico da Educação Física.

¹⁵ Centro dos Estudantes de História.

¹⁶ Centro de Estudantes de Ciências Sociais.

¹⁷ Centro de Estudantes Universitários de Engenharia.

da Biblio, da FABICO e 2004 não me lembro se teve greve ou não, mas enfim sei que eu fiz meu cartão da UFRGS ali no centro no Anexo I. Saí direto e já fui na FACED¹⁸ votar, passei por aquele protesto de boca de urna também, a galera da situação me apertou ali, eles tinham bem mais gente na época mas eu já estava com o meu voto consolidado com a chapa quatro que era a galera que estava na luta contra a Reforma Universitária, em apoio aos trabalhadores em greve, contra a Reforma da Previdência, e a galera que lutou para barrar o aumento do RU. Era um projeto novo e que me despertou bastante, assim, eu fui só um eleitor naquela época mas eu até andei adesivado no dia da eleição porque eu me identifiquei muito com as propostas, não cheguei a ser um apoiador formal mas votei naquela chapa. Porque aquela chapa se elegeu e foi o último grande Fórum Social em Porto Alegre no início de 2005, então, o DCE da UFRGS conseguiu já com essa gestão nova... A oposição venceu, a eleição de 2004 abriu uma nova era do Movimento Estudantil da UFRGS. Uma era de mais participação dos estudantes, de melhor relação com os Diretórios Acadêmicos, da retomada dos Congressos de Estudantes, e de campanhas do estilo do RU da ESEF que essa campanha teve papel fundamental logo depois, no período seguinte, que foi a campanha que nos mostrou como a gente pode usar inúmeros instrumentos para conquistar uma pauta... A gente não se restringiu a uma única ferramenta, a gente usou desde as mais básicas até as mais complexas e esse período de [palavra inaudível] do DCE, dessa galera do DCE que depois eu acabei me incorporando a esse movimento. Fui do DCE em 2005 quando participei da renovação desse movimento todo. Ele fez em 2005 uma atividade muito forte no Fórum Social Mundial sobre a Reforma Universitária na América Latina - 700 pessoas na principal atividade do Acampamento da Juventude, depois participaram do Fórum de DCEs ao longo do ano que discutiu em todo o Brasil a Reforma Universitária, constituiu os Comitês de Luta contra a Reforma Universitária e cada discussão dessas gerais sobre a Reforma Universitária que a gente fazia de crítica, de contestação ao modelo que o PT queria implementar para a Educação Superior, a gente relacionava com a pauta interna da UFRGS.

Foi nesse período da atividade do Fórum que teve essa greve dos bolsistas porque a Reitoria ficou sem pagar, atrasou o valor das bolsas dois meses, imagina o cara pagar 150 pila no verão, tinha que pagar para trabalhar, o cara não ia para a UFRGS para estudar, estava de férias, ia só para trabalhar e acabava tendo que comer no RU,

¹⁸ Faculdade de Educação.

pagar passagem e a bolsa atrasou. Daí me lembro, tem até o Jéferson¹⁹, um colega da Biblioteconomia não me lembro o sobrenome dele, a gente até pode procurar não me lembro mesmo, o Jéferson ele era bolsista da UFRGS e era do DCE e ele enlouqueceu. Se encarnou, disse: “É um absurdo!” E daí ele começou a passar nos departamentos meio que sozinho e o pessoal foi aderindo e conseguiram fazer uma paralisação de duas semanas dos bolsistas da UFRGS, a única greve de bolsistas que se tem precedente aqui da redemocratização, desse último período. Talvez eu esteja fazendo até equívoco, uma certa injustiça histórica, mas dessa história recente, dos últimos dez anos, não se tem idéia de uma greve específica de bolsistas com a Universidade funcionando. Aí eles pararam e foi muito legal, a Reitoria deu um mês de graça de RU para eles, recuperou o valor das bolsas, pagou o que devia, e ainda aumentou de 150 para 180 reais, então aumentou 20% numa tacada só o valor da bolsa e aí a gente começou a... Era um novo momento, a UFRGS começou a viver um novo momento... Movimento Estudantil começou a se mexer. A gestão de 2005 fez inúmeras coisas e aí conseguiu... Fez uma grande gestão, conseguiu muita gente, e no final do ano se reelegeu com o nome “Aberto ao público” que eram dois conceitos: de abrir a sede do DCE que era muito restrita, toda segmentada, cheia de divisórias, com o gabinete de presidente do DCE algo completamente arcaico do ponto de vista da representação estudantil, distante dos estudantes, era quase uma microempresa, uma repartição pública. Nós conseguimos, já falo no plural, mas eu nem estava, mas a galera conseguiu reformular o espaço físico do DCE, abriu, tornou uma sala grande de reuniões dos movimentos sociais, dos movimentos sindicais, de todos os movimentos da cidade, do próprio Movimento Estudantil da UFRGS, momento de confraternização, festa, e aberto ao público.

Tinha referência também à coisa pública porque era o ano que as fundações de apoio estavam tendo um grande apoio nas universidades em todo o Brasil, fruto da Lei das Fundações, que era um projeto da Reforma Universitária que escancarou e facilitou ainda mais que se criassem entidades privadas que gerenciassem o recurso público que é o caso da FAURGS (Fundação de Apoio, de Amparo à Universidade Federal do Rio Grande do Sul). A FAURGS usa o nome da UFRGS mas é uma entidade privada que gerencia e inclusive é um elemento facilitador de licitação porque ela não precisa de licitação para poder operar, então, quando tem que contratar emergencial faz por ali e foi a partir desse mecanismo que várias Fundações de Apoio foram o centro de muitos

¹⁹ Nome sujeito à confirmação.

escândalos de corrupção. Bom, acabei contando um pouquinho de outras coisas, mas esse era o contexto anterior à campanha do RU da ESEF. Um ano antes da campanha do RU da ESEF começar de fato, a gente conseguiu ver um ano de retomada das mobilizações dos estudantes por RU quanto ao aumento do valor, para discutir a Reforma Universitária, de solidariedade e apoio à luta dos trabalhadores, de integração latino-americana na atividade do Fórum Social Mundial, de interação com os DCEs, o DCE da UFRGS voltou a entrar na cena nacional no ano de 2005, e a galera da Educação Física sempre teve uma participação bastante presente na sua Executiva Nacional, no MEEF (Movimento Estudantil da Educação Física), e tenho certeza que o contexto geral do DCE e o contexto da Educação Física se combinaram de maneira que potencializou ambos.

C.J. - Onde surgiu a necessidade da criação da campanha RU na ESEF já?

R.L. - Olha esse debate eu conheço pouco, sei muito mais de ouvir falar, o pessoal da época lá o Eduardo Alemão²⁰, o Shin²¹, galera mais da antiga do Diretório Acadêmico. Vários inclusive eu encontro na rua hoje, mas com o passar dos anos já não lembro o nome de toda a galera, mas vinha uma turma muito grande, muito legal assim. Foi uma experiência muito interessante de convivência com todos e pelo que eu sei os caras: “Bom nós temos que dar um basta nesta situação, fazer com que os estudantes da ESEF se mobilizem pela pauta e que a pauta ganhe destaque público para que a gente consiga constranger a UFRGS no bom sentido, ou seja, que tenha como prioridade os estudantes e não outras coisas”... Tem projetos muito importantes, mas aquele era um projeto negligenciado desde que a ESEF nasceu, sei lá dizer, quarenta anos, não sei dizer exatamente a data de fundação da ESEF, mas já era muito tempo. O campus afastado de todos os outros, que tinha uma vida própria, que tem a comunidade interna muito grande, não só de estudantes de Graduação mas de Pós, de funcionários, de professores, a sociedade que interage ali que faz extensão, caminhada, pratica esporte, que inclusive na opinião que a gente sempre teve de ser sempre mais aberto, mais democrático o uso, outros colegas da UFRGS que iam lá usar as piscinas, enfim, tinha uma grande circulação, e outra coisa, que tem um monte de estudantes da UFRGS que mora ali na

²⁰ Eduardo Gottems Pergher.

²¹ Shin Pinto Nishimura.

volta. Então, às vezes o cara poderia sair do Campus do Vale, ir para a ESEF, almoçar e ir para a casa perto, ou o cara faz o estágio perto, poderia comer ali, eram muitos os motivos que justificavam o RU da ESEF, a necessidade do RU da ESEF e eu acho que foi por isso que a galera, no final, acabou criando a campanha: para sistematizar os motivos e para desenvolver todos os mecanismos de mobilização e de luta para que fosse efetivada essa demanda.

C.J. - E qual o primeiro passo tomado em rumo á campanha?

R.L. - Olha isso na verdade para mim é algo que eu não tenho muito claro. Acredito, pelo que me lembro das conversas que a gente tinha na época, de chamar a atenção da galera da Educação Física, não me lembro exatamente se foi um abaixo-assinado, se foi algum jornal especial, o primeiro passo não tem como eu te dizer certamente.

C. J. – E o que é que tu acreditas que levou aos estudantes da UFRGS a aderirem à campanha?

R.L. - Ah isso que eu estava te contando porque, assim, além de ser uma pauta específica do RU da ESEF, dos estudantes da Educação Física, que logo depois se transformou na demanda do pessoal da Dança e da Fisioterapia (os cursos que foram criados agora recentemente no Campus Olímpico). Tinha toda essa relação da Universidade, do convívio naquele espaço do Jardim Botânico, naquela região ali que também precisava. E outra coisa é que tinha um aumento na fila do RU do Centro ou da Saúde por conta não que as pessoas: “Ah não pode almoçar aqui, vocês têm que almoçar lá”... Porque seria melhor para todo mundo, mas o fundamental foi a solidariedade dos colegas da UFRGS, acho que nós conseguimos, a campanha e a mobilização toda e o papel que os Diretórios cumpriram, e eu posso te dizer isso com segurança porque nós fizemos esse debate exaustivamente na FABICO sendo que não tinha nada a ver com a pauta. Eu vi que muitos diretórios fizeram isso de construir relações de solidariedade, dizer: “Olha para a gente conquistar pauta nossa a gente tem que surgir com a do outro para que ambos tenham força de conquistar suas pautas e foi isso que a gente fez, por isso que teve tanta parceria entre a Comunicação e a ESEF porque nós da Comunicação estávamos com um problema grave de falta de professores em várias cadeiras

obrigatórias e, inclusive, foi isso que nos mobilizou a ir ao II Congresso de Estudantes. A gente chegou lá e se deparou com o pessoal da Educação Física com a necessidade do RU, então, a gente se deu conta de que era melhor a gente se juntar numa grande manifestação depois do Congresso no dia 13 de setembro de 2006, e que a gente levou diante de alguns outros cursos para poder também agregar pautas. E outra coisa é que o RU é algo, um direito que os estudantes da UFRGS já tem adquirido há muito tempo, algo que existe há muitas décadas na UFRGS, o RU no Centro desde antes da Ditadura Militar, essa relação de Restaurante Universitário como digamos a expressão mais, a maior expressão do Assistência Estudantil porque o cara tem que ir fisicamente, se desloca, come barato, subsidiado, e que acaba sendo vital para a sobrevivência enquanto estudante porque muitos às vezes não conseguem trabalhar, ou fazem estágios precarizados ou bolsas que pagam muito pouco, a gente... Isso era muito fácil e qualquer pessoa que come no RU sabe que se não tivesse RU passaria muito mais dificuldade e como o volume de movimento nos RUs da UFRGS, Campus do Vale, Campus da Saúde, Campus do Centro, são muito grandes, as pessoas de pronto já dizem: “Não tem que ter RU lá”. E essa noção, essa conquista, esse direito conquistado e solidificado, as pessoas valorizarem a existência do RU é que certamente deu a liga para a galera colaborar mesmo não sendo da Educação Física.

C.J. - Qual a reação da Reitoria frente às ações da campanha, às reivindicações dos estudantes?

R.L. - Eu estava lendo uma matéria agora sobre o acampamento de Wall Street, dos indignados dos Estados Unidos, e uma matéria na Carta Capital que Antônio Luís M. C. Costa escreveu e citou uma frase do Ghandi que é a seguinte: “Qualquer movimento desse tipo é sempre ignorado, ridicularizado, combatido e depois a gente vence”. Era isso que o Ghandi dizia e o cara citou na matéria. A gente passou por um período de terem ignorado a pauta, depois a gente passou por um processo de certa ridicularização, óbvio que a Reitoria não podia nos ridicularizar em público porque se referia a uma própria carência que a Universidade que eles administravam tinha que... Mas sempre no boca-a-boca: “Isso é impossível, não tem dinheiro, vocês estão loucos”. Isso a gente ouviu de mil pessoas tanto que, na inauguração do RU da ESEF, a gente ficava tirando sarro deles ainda. Diziam que não podia e agora a gente está comendo aqui, até o

Reitor²² está comendo aqui agora, então foi muito legal. A gente passou pelo combate, depois eles começaram a tencionar para cima do movimento aí várias medidas de pequenas questões, de pequenas medidas de coerção verbal: “Melhor vocês não se meterem nisso, isso é uma coisa muito complicada”. Isso era uma coisa muito mais localizada, essa repressão é muito mais velada, nas unidades, nas pequenas retaliações dos departamentos e das direções de unidade, mas a própria Reitoria tentou fazer, acabou sempre tentando, por exemplo a política de inibir ou de restringir a utilização dos espaços [palavra inaudível] e isso está diretamente relacionado à isso, se nós temos um monte de espaço dentro de um [palavra inaudível] e os caras simplesmente se encontram e organizam uma mobilização, estão metendo pau, estão construindo mobilização contra essa administração então nós vamos cercear: “Como é que eles se financiam?” Com carteirinha de ônibus, com repasse que a gente dá e com dinheiro de festa... Carteirinha sempre é um valor pequeno porque o DCE acaba fazendo muito mais e é natural que, pelo menos na UFRGS, já é uma certa tradição que fevereiro é difícil ter DA aberto mas o DCE... Então o estudante vai no DCE, o repasse da UFRGS não pode ser usado para quase nada porque ele tem toda uma limitação e tal, então, vamos nas festas que é onde os caras ganham grana, onde eles conhecem as pessoas, onde o Movimento Estudantil se torna popular, onde a galera vê os estudantes do Movimento Estudantil não só como aqueles militantes chatos mas como uma galera que está ali no dia a dia: o colega, o amigo, o cara da festa, então, os caras fizeram uma série de políticas de restrição dos espaços estudantis e aí o símbolo maior é o CEUE que dentro do projeto de restauração do prédio histórico que era uma necessidade, eles pegaram um projeto de restauração, acabaram com a CEUE, com as Catacumbas²³, diminuíram todo o espaço, pela mobilização. Ah inclusive um período pré, voltar naquela pergunta rapidinho do pré-campanha da ESEF... Foi feita uma ocupação das catacumbas na posse da gestão “Aberto ao público” que venceu a eleição no final de 2005 e a festa de posse colocou mil estudantes dentro das catacumbas, então, nós estávamos num processo rico de mobilização mesmo, forte, juntando gente, indo para cima e conquistando.

Logo depois dessa ocupação se negociou o espaço físico do CEUE e se garantiu a manutenção do maior Centro Acadêmico da UFRGS: dois andares, sei lá centenas de metros quadrados, uma maravilha. E agora voltando, eles nos retalharam e no final que

²² José Carlos Ferraz Hennemann, Reitor entre 2004 a 2008.

²³ Espaço junto ao Prédio da Engenharia, local de festas e atividades culturais.

a gente passou por tudo, por todas essas etapas, a gente venceu. Tem uma etapa intermediária entre o ridicularizar e combater que é o parênteses que eu colocaria na frase do Ghandi, que é a cooptação. Não sei como que foi com os colegas da ESEF, mas na FABICO aconteceu comigo a tentativa porque assim o cara começa a se destacar no Movimento Estudantil daí eles acham: “Ah que legal, é bixo, é bem animado”. Aí depois é: Puta merda, o cara é um chato, o cara não pára com isso”. Aí depois eles vêm como eles conseguem te incorporar dentro do sistema, digamos, e aí me ofereceram uma bolsa: “Nós montamos um projeto muito legal com a direção, com não sei o quê, um projeto de memória viva do governo, que vai vir recurso, a gente achou que tu és um cara bem interessado com as pautas bá, bá, bá, vamos ver”. E eu falei: “Achei legal” . Só que não dei bola, não corri atrás sabe. Eles acharam que ia sair correndo atrás e pior que eu achei o projeto até legal [riso]. Eu não sou contra que a pessoa trabalhe em lugar nenhum até porque trabalhar é uma necessidade do povo que não possui, que não tem posses, que não tem os meios de produção, as cordas, o povo que não é da elite. Nós, que somos 99%, temos que trabalhar para sobreviver, então, acho que as pessoas podem trabalhar e manter sua ideologia, sua coerência. Acredito que eu faria assim, como faço até hoje, mas eles fazem, eles tentam de um lado, de outro... Isso eu vi vários colegas da ESEF sendo convidados, lembro o nome de um ou de outro, mas a galera sempre: “Putá, esse aqui estava com a gente agora parou de participar do Diretório Acadêmico porque está consumido pela bolsa, entrou no PET²⁴, entrou não sei onde, aí o cara está em não sei qual laboratório, esse cara que estava com a gente agora está com o professor na sala de aula e, ao invés de nos defender, ele defende a bolsa dele”. São pequenas medidas de cooptação que não são explícitas, mas que não é assim: “Cara, vou te dar uma bolsa e tu cala a tua boca e o teu diretório”. Não é o cara, é o jogo, é a rede de relações que o sistema constrói, é uma questão implícita: “Bah, quer uma bolsa, bah estou precisando, é uma linha de pesquisa que eu gosto, vem cá, tal, faz”. Daí o cara te enche de trabalho e tu não tens tempo de ir numa reunião, aí no ato-almoço tu vais, mas o cara te chama para uma reunião da bolsa, aí depois ele fala mal na sala de aula e tu não podes responder porque ele é teu professor orientador, ele pode cortar tua bolsa, pronto, tu está fora do Movimento.

Eu não tenho um exemplo concreto aqui, mas eu sei que isso rolava, que esse debate rolava e tentaram fazer em todos os cursos e nas Ciências Humanas é um terror

²⁴ Programa de Educação Tutorial.

porque o academicismo ali engole muita gente. Os caras: “Não, estou aqui discutindo um tema de esquerda, um tema alternativo, um tema que é bem importante”. Mas nessa rede de relações o cara se perde, têm poucos professores independentes da História e da Sociais, mas aí tu acaba caindo: “Vou fazer o mestrado aí tu te enlouquece para pegar uma bolsa de mestrado que também é muito importante mas aí tu abdica da atividade política cotidiana, estudantil cotidiana, que deve ser combinada com estudo, com teoria, com a formação acadêmica.” Eu sou de uma geração de ativistas do Movimento Estudantil que teve muito essa preocupação, que se formou no mesmo período que todos os colegas então tem uma pequena quantidade que se forma em quatro anos, tem os que se formam em cinco ou seis porque trabalham, porque estudam, porque tem família, tem aqueles que fazem intercâmbio: “Vou ficar na Europa um ano, vou para a Austrália, vou para os Estados Unidos, vou para não sei onde, volto e me formo em seis anos e sou aplaudido olha que bonito, fui pra fora, aprendi a falar inglês e agora estou aí formado.” O cara se formou no mesmo tempo que eu e o cara sempre é criminalizado porque é do Movimento Estudantil, porque o cara faz política, porque só que fazer política, porque não sei o quê. Nenhum deles critica o cara que está um ano fora, com a vaga do dinheiro público parada, para poder curtir o dinheiro que o pai deu, enfim, são as contradições da vida, a forma como eles criam para nos taxar de maneira pejorativa. Mas eu vejo como muito interessante, assim, porque a galera conseguiu botar para fora e organizar uma campanha muito vigorosa, muito vitoriosa, que passou por todas essas etapas e que passou pela etapa mais difícil que é a etapa da vitória.

C.J. - Qual o impacto que teve o ato do dia 13 de setembro de 2006?

R.L. - Foi um ato decisivo, foi um ato muito importante, foi a primeira mobilização dentro da UFRGS que eu participei. Lembro-me bem, a gente encaminhou a pauta do Congresso, o pessoal da Educação Física apresentou na Plenária Final, votou, aprovou, depois a gente fez uma Comissão Organizadora do ato. Depois entrou o pessoal, a gente fez grandes amigos, todo mundo que estava naquele ato eu acho que me dou até hoje. Me lembro que o Alemão estava pela Educação Física, a Raquel Matos Silva, o Bernardo Corrêa e a Fernanda Merchionna estavam pelo DCE, e tinham outros, o Vicente Ribeiro que era coordenador do DCE, tinha outros mas esses aí os quatro com

certeza estavam com bastante destaque. Estava o Alejandro²⁵ do Instituto de Artes, lá do Centro Acadêmico, Tássio Corrêa das Artes Visuais, eu estava pela Comunicação, tinha o Cristiano Moreira mais uma galerinha ali do Direito, que o Direito estava com uma pauta de irregularidade no Conselho da Unidade. Os caras não estavam convocando reuniões e estavam fraudando as assinaturas para dizer que estavam fazendo e dar [palavra inaudível]... Foi o Instituto de Artes pelo prédio, essa turma de Direito contra essas irregularidades, nós da Comunicação com força na pauta da falta de professores e a ESEF com o RU. Claro que vieram colegas de outros cursos mas foram esses os cursos que mais mobilizaram e a Educação Física e a FABICO, acho que foram os que mais mobilizaram, a gente mobilizou no mínimo sessenta, na Comunicação mobilizamos no mínimo oitenta pessoas, a gente lotou um ônibus da FABICO com umas quarenta e cinco pessoas e estava tendo uma aula do primeiro semestre ali no Campus Centro. Nós entramos... bah foi muito *foi muito* afudê [riso]! Parecia tudo tão fácil, depois eu fui ver que a vida era um pouco mais difícil, a gente fez uma campanha, colamos cartazes para caralho na UFRGS... Desculpa, a gente fez muito cartaz na UFRGS, a gente panfletou bastante no RU, passamos em sala, divulgamos exaustivamente, foi uma galera. Do terceiro semestre da Comunicação, meus veteranos, a minha turma do segundo semestre bastante e toda a turma dos bixos, a gente entrou na aula e disse: “Dá licença, a aula acabou, agora é mobilização”. Daí fizemos aquela mobilizada forte, *todo mundo levantou cara, bah foi inacreditável!* Na hora eu achei que era sempre assim, foi primeiro ato daí a gente entrou na sala e a gente falou e a galera toda saiu, ficou umas duas pessoas na aula e os outros trinta e tantos foram, daí nós já estávamos na Reitoria. A ESEF mobilizou uns setenta também, tinha uma galera, tinha uns trezentos no ato, e o grosso ali era da Comunicação e da Educação Física, 70% ou 80% - posso até estar errando depois tenho que ver com a galera - mas 70% ou 80% do Ato era Educação Física e Comunicação. E foi muito legal porque eu tinha feito uma carta, cada um lia suas pautas. A pauta da Comunicação, pá, pá, pá, pá, pá, o Reitor nos recebeu no saguão da Reitoria e, se não me engano, estava o Vice-Reitor, o Fonseca²⁶, e estava o chefe de gabinete, o Mello²⁷, o Reitor era o Hennemann. A gente chegou lá umas dez da manhã e apresentou a pauta, palavra de ordem, cantando, com

²⁵ Nome sujeito à confirmação.

²⁶ Pedro Cezar Dutra Fonseca.

²⁷ João Roberto Braga de Mello.

cartaz, bem animado o Ato. Daí a gente entregou a carta, ele leu a carta: “Olha gente, eu [palavra inaudível] recebido”. E nós: “Não, nós queremos que tu assines um compromisso”. E a carta dizia, era uma carta que era assim, era tipo documento oficial Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pautas: “Eu, Reitor, me comprometo a fazer o RU da ESEF e a atender as exigências e as demandas”. E o nome do cara e ele tinha que assinar e imediatamente às palavras passei muito jogo rápido, e aí a gente ficou pressionando e o Vicente tem fotos memoráveis... Que o Vicente Ribeiro era o cara que ficou ali na intermediação, ele e o Alemão. Eu fiquei na agitação, não fiquei muito em cima do Reitor, fiquei mais ali com a galera gritando e pressionando e a gente estava no pé da escadaria da Reitoria, foi ali que a gente entregou a carta e tal. E aí começou uma movimentação e o Reitor: “Não posso me comprometer, não posso me comprometer, mas eu posso assinar aqui e depois a gente vê”. E a gente: “O Reitor vai assinar!” E s começamos a dizer: “Assina, assina, assina”. Muita pressão e daí ele: “Não vou assinar”. Daí eu digo: “Me arrepiei inteiro”. A Fernanda pegou o megafone, caralho ela subiu assim, alguém levantou ela e foi no meio da galera e ela chineliou os caras: “Bah, no país do mensalão, da corrupção deslavada, do desvio de dinheiro e vocês aqui com o dinheiro das Fundações sobrando, a FAUFRGS ela não pode ser escravitária, e ela tinha quatro milhões de reais em caixa, era um negócio *“caralho vocês estão malucos, estão dizendo que não tem dinheiro, vocês estão brincando com a gente aqui”*”. E a galera, ela no discurso não me lembro a fala mas ela falou uma fala assim de dois minutos muito pesada contra os caras, contra o governo, muito politizada, muito envolvente e emocionante, e a galera enlouqueceu aí nós: “Nós vamos ficar aqui até acabar!” Até a galera da Educação Física tinha que viajar, tinha um encontro, alguma coisa assim, encontro de área, algum compromisso que eles tinham que fazer, se não me engano era em Santa Maria²⁸... E a galera: “Nós vamos ficar aqui até esse cara assinar, nós vamos ficar aqui até esse cara assinar”. Falei com a galera da Comunicação, a galera tinha que trabalhar aí: “Nós vamos ficar até esse cara assinar, até assinar”. Daí a galera começou a andar junto com o Reitor e meio que empurrando, não teve nenhum empurrão físico mais a mobilização do pé da escadaria para o balcão da Reitoria e galera na volta e a TVE²⁹ ali, a imprensa, a Zero Hora³⁰... Foi muito legal, aquele ato ali

²⁸ Cidade situada no interior do Rio Grande do Sul.

²⁹ TV Educativa de Porto Alegre.

³⁰ Jornal diário publicado em Porto Alegre.

mudou, aquele ato escancarou, botou para fora muitos problemas que ninguém sabia da UFRGS. A UFRGS muito renomada com falta de professor, sem assistência estudantil e com fraude na faculdade de Direito e com o prédio do Instituto de Artes, uma das mais antigas e mais importantes foi o Instituto de Belas Artes, então, tinham pautas muito importantes que estavam sendo negligenciadas, a gente conseguiu uma visibilidade externa, mas principalmente a mobilização interna dos alunos da UFRGS para conquistar essas pautas.

C.J. - O ano de 2007 iniciou como para o Movimento Estudantil?

R.L. - Começou muito animado, o embalo dessa mobilização construiu uma nova chapa para o DCE e nós ganhamos o DCE de novo. Me lembro que a nossa chapa, a gente dizia, essa é a maior chapa que já teve para o DCE. E até aquele momento era verdade, tinham cento e vinte pessoas naquela chapa. E a gente ganhou a eleição, e aí tinha criado esse grupo da direita mesmo, os fascistas organizados, os neoliberais, era um grupo bem... Tanto que no ano anterior eles tinham concorrido aos Conselhos da UFRGS com o nome de “Direita Volver”. Eles mudaram o nome para DCE Livre, dizendo que eram sem partido, que eram contra as cotas – um ano antes da aprovação das cotas, e eles tinham um discurso bem conservador, eles ficaram em terceiro lugar por vinte votos, quase ganharam da turma do “Mãos à Obra”. O último ano acho que o “Mãos à obra” disputou com esse nome... Não, não era esse nome: o nosso nome era “Instinto Coletivo” e o nome “Mãos à Obra” fez uma chapa chamada “Consciência e Atitude: porque o instinto só não basta”. Eles descobriram nosso nome e inventaram um nome assim, mas perderam. Nós tivemos dois mil e trezentos votos e as outras chapas cada uma mil e pouco, uma vitória bem forte assim, bem expressiva, pela força das mobilizações que a gente tinha criado. A ESEF foi um ano que fez muito voto, foi o ano que nós mais fizemos votos na FABICO, é o ano que a Fernanda se formou – 2006, então ela estava lá, a Raquel Matos estava no meio do curso e eu era bixo e nós tínhamos uma *galera* na chapa, muita gente na boca de urna, muita gente votando, foi muito impressionante a mobilização naquele ano, a gente conseguiu - não me lembro quanto - mas foi muito, muito, muito expressivo. 2007 começou no embalo das mobilizações, nós queremos mais e mais. Foi o ano logo depois da eleição do Lula, da reeleição do Lula, que foi uma reeleição que ele quase venceu no primeiro turno, que foi

uma lavada, o Alckmin³¹ perdeu feio a eleição. Mas o sentimento do movimento social, estudantil era que o PT tinha falido totalmente, tinha sucumbido à lógica do poder, então era necessário criar uma agenda, uma plataforma nacional de oposição de esquerda ao Governo Federal, de que os princípios fundacionais do PT e que as mobilizações dos trabalhadores do Brasil tivessem eco e pudessem pressionar o governo. E aí teve um encontro que o DCE da UFRGS foi signatário e todos os movimentos da UFRGS participaram que foi dois eventos: o Encontro Nacional contra as Reformas Neoliberais - 25/03/2007 em São Paulo e o Encontro Nacional da Frente e Luta contra a Reforma Universitária – 26/03/2007 em São Paulo também. Eu fui nesse encontro, foi muito legal, foram dois ônibus da UFRGS se não me engano. Foi muito forte e a gente voltou com uma agenda de lutas que aplicou integralmente aqui, foi o encontro em março e em 17 de abril que é o Dia do Eldorado dos Carajás que se tornou um dia símbolo da luta pela Reforma Agrária contra a criminalização dos movimentos sociais. Foi um ato grande, teve o dia 23 de maio de 2007 que foi um dia muito forte de mobilização, estava tendo greve dos municipais de Porto Alegre, aí a gente juntou todo mundo. Estava tendo greve dos técnicos da UFRGS também, a gente fez um ato forte no centro com umas três mil e quinhentas pessoas que, para os padrões de Porto Alegre, é um ato importante.

O ato mais legal do ano que eu acho na verdade, não foi nenhum desses, foi a ocupação da Reitoria e foi o ato dia 08 de março de 2007, dia da mulher, que foi o dia que o Bush³² esteve no Brasil, que o Lula abraçou o Bush. Eu já estava puto da cara com o Lula aí o cara recebe o Bush de beijo e abraço no Brasil com toda a pompa. Então a gente pegou e fez um ato muito legal aqui em Porto Alegre que foi o “Bixos contra Bush”. A gente mobilizou, a galera da FABICO e da Educação Física nesse período eram os cursos mais mobilizados e que mais levavam gente, e nós conseguimos levar bastante gente da UFRGS nossa foi uma concentração muito grande, foi um ato que a gente se encontrou com as mulheres da Via Campesina³³ depois, foi um ato anti-imperialista muito forte no centro de Porto Alegre e a presença da UFRGS e do DCE foi grande. 2007 foi um ano chave para o Movimento Estudantil da UFRGS, e o mais importante até hoje [interferência de voz feminina: trecho não audível].

³¹ Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho, Governador de São Paulo entre 2001 e 2006.

³² Referência à visita ao Brasil de George W. Bush, então Presidente dos Estados Unidos.

³³ Movimento internacional que coordena organizações camponesas de pequenos e médios agricultores, trabalhadores agrícolas, mulheres rurais e comunidades indígenas.

R.L. - Vamos pausar [voz feminina: Desculpa].

C.J. - Retomando a entrevista, como foi a ocupação da Reitoria em 2007?

R.L. - A ocupação da Reitoria foi o momento mais forte que a nossa gestão “Instinto Coletivo” teve. Eu já era diretor do DCE, eu fui coordenador do Campus Saúde da chapa “Instinto Coletivo”, o Xinho³⁴ da Educação Física era o coordenador geral, o Fábio Albuquerque da Engenharia era coordenador geral, o Marcos Vieira da História. Nossa gestão foi muito bacana porque foi uma gestão criada, fruto de uma mobilização forte, num ano de mobilização forte e a gente se deparou com uma realidade muito interessante: dia 03 de maio de 2007 que foi inclusive dia 03 de maio, dia símbolo porque dia 03 de maio de 1968 que estourou a primeira mobilização pela briga das mulheres terem direito a Casa do Estudante, que digamos as primeiras manifestações no dia símbolo de maio de 1968. O dia 03 de maio de 68 foi considerado o primeiro dia das jornadas mais brilhantes do ano de 68 no mundo. No dia 03 de maio de 2007, na USP³⁵ teve uma ocupação da Reitoria espontânea assim, um ato de trezentos ou quatrocentos para ocupar, tiveram cinco decretos do governo Serra³⁶, que era Governador do Estado, que desmontavam os princípios que tornaram a USP a maior Universidade Brasileira, a mais qualificada, a que mais produz ciência e tecnologia, uma das melhores da América Latina – se não a melhor – enfim, acho que não é a melhor, tem a UNAM³⁷ do México, a UBA³⁸ da Argentina, mas a USP é uma Universidade num outro patamar em relação às Universidades Brasileiras. E os decretos desmontavam os patamares que construíram isso e o Movimento Estudantil é muito grande, muito grande mesmo, uma vanguarda muito numerosa e que faz muita mobilização. Eles ficaram cinquenta e tantos dias com a Reitoria ocupada e nos despertou a necessidade de fazer mobilizações de solidariedade para sustentar a USP porque chegou num período em que USP tinha caminhões dos grandes meios de comunicação plantados, era todo dia no Jornal Nacional³⁹, era todos os dias nos Jornais do Brasil: Folha de São Paulo, Estadão, e aí a Reitoria, o Governo, a

³⁴ Nome sujeito à confirmação.

³⁵ Universidade de São Paulo.

³⁶ José Serra, Governador de São Paulo entre 2007 e 2010.

³⁷ Universidad Nacional Autónoma de México.

³⁸ Universidad de Buenos Aires.

³⁹ Telejornal exibido pela Rede Globo de Televisão.

imprensa, a opinião pública, muitos setores jogando contra o Movimento Estudantil. A esquerda começou a apoiar, os setores democráticos, os movimentos sociais e nós: “Não, é necessário uma jornada de lutas nacional de apoio à ocupação a Reitoria da USP“. E foi uma reunião da diretoria da UNE - naquele ano tinha uma diretora que era do “Romper o Dia” na Executiva da UNE, a Maíra Tavares Mendes (Mai), que se graduou em Biologia na USP, depois veio fazer aqui mestrado em Educação na UFRGS. Ela era da diretoria da UNE, foi diretora de universidades públicas, e nós levamos a pauta para a reunião da diretoria da UFRGS: é necessário uma jornada nacional de mobilizações para ocupar Reitorias, porque tinha algumas Reitorias que começaram a ser ocupadas seguindo o método mas não era coordenado. Então nós temos tínhamos que coordenar uma ação consciente, e óbvio que a oposição naquela época era forte, a frente de oposição de esquerda da UNE era muito forte, participava de um dos maiores DCEs das Universidades Públicas. A gente apresentou na diretoria da UNE para ver se movia alguém mais dentro da diretoria da UNE, se a direção é majoritária [palavra inaudível] e governista... Eles se mexeram, isso é uma coisa interessante. Eles fizeram ocupações simbólicas, ocupações chapa branca, ocupações que não enfrentaram, mas foi muito importante as Reitorias que eles ocuparam, que eles fizeram mobilizações porque a estatística que a gente divulgou, que foi verídica, deu amplitude para o movimento e aí a gente construiu umas ocupações de Reitoria muito barra pesada, muito de enfrentamento e a UFRGS foi uma delas. A UFRGS, a UFRJ⁴⁰, a UNICAMP⁴¹. A UNICAMP ocupou inclusive antes da USP, a UNICAMP ocupou um pouco antes... Eu me lembro em 29 de março de 2007, em uma Assembléia Geral dos Estudantes da FABICO, a gente aprovou uma moção de apoio à ocupação da UNICAMP, foi muito legal. [Silêncio]. A UFP teve gente presa, teve um companheiro nosso, o Antônio Neto, que foi preso, tomou um pau lá, teve camisa rasgada, foi uma baixaria mas o Movimento Estudantil se indignou... Na onda dos “Indignados das Universidades” em 2007 sem esse nome obviamente, já usando o nome mais atual, mas a gente conseguiu protagonizar um dos maiores momentos do Movimento Estudantil da UFRGS. Sem dúvida alguma 2007 foi o ano que ficou marcado, quem estava lá, a sociedade, a imprensa, a gente conseguiu um grande destaque, ocupamos a Reitoria de maneira muito radicalizada, a gente conseguiu, porque a gente usou toda a campanha do

⁴⁰ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁴¹ Universidade Estadual de Campinas.

RU da ESEF. Como eu tinha dito anteriormente, usou vários instrumentos, fez abaixo-assinado que juntou milhares de assinaturas pela UFRGS, fez pesquisa de demanda interna dentro da ESEF para saber quantos alunos necessitavam do RU, fez ato-almoço para não só a galera dizer “quero almoçar ali” mas concretamente muita gente começou a almoçar nos atos-almoço do Diretório Acadêmico e foi nesse [palavra inaudível] que eu comecei na ESEF... Teve os atos-almoço, teve o luau do RU da ESEF, teve a reunião do DA fora do meu DA para levar o informe para o meu Diretório... Então a galera ia, o Luiz Piranha até Luiz Fronckowiak, o apelido Piranha foi numas reuniões... Nós também, o Alemão também, e começamos esse intercâmbio da Educação Física e da Comunicação... Eu nunca consegui ir nos grupos de estudo mas fui convidado algumas vezes, muito legal até a iniciativa de grupos de estudo sobre as sociedades com o marxismo que o Diretório Acadêmico fazia para problematizar as situações do curso, trabalhar a área que tinha interesse também... E a gente fez o ato do 13 de setembro para chamar a atenção, foi no Congresso de Estudantes, tinha cartaz para caralho na UFRGS e era o símbolo do Fome Zero⁴², muito legal: o prato, os talheres na bandeira do Brasil do RU da ESEF já! DAEFI, DCE e DAs, muito legal... E tinha adesivo da campanha, *nossa* tinha tudo que podia imaginar! Faltou botton, acho que botton da campanha não teve. Teve camiseta do RU da ESEF que eu tenho até hoje. Eu tenho a primeira camiseta de 2006, a primeira que está sobrevivendo depois de tantas vezes que a gente usou, que a gente lavou, ela sobreviveu. Tomara que eu consiga guardar por muitos anos, aquilo é o símbolo de uma luta muito importante. E a ocupação da Reitoria surgiu nesse contexto, das mobilizações da UFRGS mas num contexto de solidariedade em relação à USP. A gente, quando teve essa reunião da UNE, a [palavra inaudível] zoava a gente, nós vamos organizar, os caras vão organizar a ocupação da chapa branca, nós vamos ocupar a Reitoria e conquistar, a melhor forma da USP se fortalecer é ter uma jornada de lutas, ocupação de Reitorias que conquistem para poder impulsionar a mobilização e nós conseguimos. Nós juntamos num ato 400 pessoas, uma galera secundarista do Julinho⁴³, que tinha várias pautas: pauta do acesso à Universidade Pública, pauta da democratização do acesso com as cotas. Tinha o Instituto de Artes, tinha os professores da FABICO que o problema persistia, tinha o RU da ESEF, tinham várias pautas específicas, e nós fizemos um ato e a Reitoria já sabia que nós íamos

⁴² Programa do Governo Federal.

⁴³ Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

ocupar. Todo mundo sabia que a gente ia ocupar a Reitoria, já era fato. Aí nós passamos para avisar: “A gente está indo para a Reitoria” e daí o “slogan” era: “Agora é para vencer”. A gente dizia isso e nós vamos para Reitoria com essas pautas e nós só saímos de lá com elas atendidas e aí a galera da sala de aula: “Vocês vão ocupar a Reitoria?” E era uma ocupação bem organizada, bem sigilosa, a gente não falava pelo telefone, a gente não usava a internet, fazia muita reunião... Eram quase diárias as reuniões durante dez dias, para construir a mobilização e a ocupação... Talvez eu tenha me confundido com a data do Congresso de Estudantes porque a ocupação da Reitoria da UFRGS foi nos dias 05 e 06 de junho de 2007, no dia cinco era terça-feira e quinta era feriadão de Corpus Christi se não me engano. Ia ter encontro de todos os cursos, todos os cursos fazem encontro de área nesses feriados, então nós tínhamos um problema porque o ato e a ocupação não tinham força para durar todo o final de semana.

O pessoal ia viajar e a Reitoria sabia disso porque a Reitoria tinha dado dinheiro para todos os cursos, para alugar ônibus, todo mundo tinha pedido então os caras sabiam que todo mundo ia viajar. Mas mesmo assim dissemos: “Nós vamos ocupar e vamos fazer de tudo, vamos conquistar rapidamente, vamos fazer uma ocupação, vamos entrar, ganhar e vamos embora.” E nós fizemos uma turma muito forte, de quatrocentas pessoas, ocupamos a Reitoria,. Estávamos muito organizados, foi uma ocupação muito planejada nos pormenores, nós tínhamos toda a campanha de identidade visual de massificar na UFRGS, a ocupação nós já tínhamos pronta. Quando se ocupou a Reitoria nós mandamos imprimir e três horas depois já estávamos com adesivo, cartaz, jornal, blog, rádio da ocupação, comissão de segurança, comissão de limpeza, comissão de organização, comissão de negociação com a Reitoria... Nós demos um show ali, foi um espetáculo que a galera do DCE, dos DAs desenvolveram, foi muito afudê aquele movimento e impactou. Na Reitoria normalmente os movimentos são desorganizados mas nós chegamos pum, pum, pum e ocupamos a Reitoria. Na primeira reunião eles acharam que nós íamos apresentar a pauta de reivindicações e nós: “Nós queremos negociar a pauta, nós queremos negociar aqui os termos da ocupação, acaba o expediente agora.” Nós encerramos o expediente da Reitoria, vocês não vão cortar luz, não vão cortar água, vão manter a internet funcionando... Nós negociamos toda a ocupação e ali, faça-se justiça com a Reitoria do [palavra inaudível], faça-se justiça porque muitos Reitores optaram pelo enfrentamento, por criminalizar, por tirar água, tirar luz, botar Polícia Federal, botar Polícia Militar. E ali eles foram muito sensíveis,

eles sabiam que ia ser um desgaste grande para a Reitoria, mas que ia ser um desgaste grande para todo mundo. A UFRGS ia fazer um conflito, podia ter uma guerra campal dentro da UFRGS e eles sabiam que a gente ia resistir. Nós fomos com tudo, nós não íamos aceitar sair dali sem nada, e eles cederam no primeiro dia para endurecer no outro, porque daí nos sabíamos que eles iam endurecer. Eles ficaram putos da cara imagina... Daí a gente: “Temos que surpreender esses caras então nós vamos”. O Campus do Centro, para quem não conhece, é um Campus que tem uma entrada na Reitoria, duas entradas: uma entrada na frente da Reitoria e uma entrada pelos fundos do Salão de Atos... Porque ma entrada na frente do Quindão, que é o prédio da Engenharia antigo, tem uma entrada na frente do ICBS⁴⁴, tem uma entrada na frente da Arquitetura, tem uma entrada pelo Banco do Brasil que vai dar na Faculdade de Educação. E entre a Reitoria e a Faculdade de Educação são *sete* portões, sete portões não tem como inviabilizar o Campus por dentro. Por fora dá: mete uns cadeados, faz um mutirão... Mas nós estávamos na Reitoria tinha que fazer um símbolo de que nós estávamos ali custe o que custar, e aí os caras enlouqueceram porque um dos grandes eventos que a UFRGS organiza junto com a Copesul⁴⁵, junto com a iniciativa privada toda, com os meios de comunicação aqui, era o Fronteiras do Pensamento⁴⁶ ... E tinha Fronteiras do Pensamento na fatídica noite do dia 05 de julho, foi muito, muito... Porque a gente não calculou tudo, calculou algumas coisas, não calculou o dia do Fronteiras do Pensamento e vai em torno de 800 pessoas nas conferências. Nós entregamos panfleto e material para todo mundo, nós fizemos um ato para cima do Fronteiras do Pensamento e o Fronteiras do Pensamento nos convidou para falar dentro do Salão de Atos, para poder expressar as pautas do movimento e a galera não aceitou. Olhando agora à distância - nem me lembro porque a galera não aceitou - era um momento que a gente devia ter usado. Pô, imagina, nos dão o microfone cinco minutos para falar para oitocentas pessoas, podia ter feito um estrago... Não me lembro da posição na época, se eles foram a favor ou contra, se eles foram para assembléia da ocupação.

Eu estava na Comunicação e estava foda, estava cheio de jornalistas ali, eu fazia Jornalismo, fazia esse meio de campo - faço ainda, vou me formar agora - entre a imprensa e o movimento que não é uma coisa muito simples. A imprensa estava

⁴⁴ Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde.

⁴⁵ Companhia Petroquímica do Sul.

⁴⁶ Evento realizado em formato de seminário com a presença de conferencistas nacionais e internacionais e internacionais.

proibida de entrar dentro da ocupação, só a imprensa alternativa e dos blogs, então, a gente estava confeccionando crachás de imprensa, para alguns recolhia, dava para outros, sei que nós estávamos numa situação tensa. Na verdade eu não participei dessa decisão, dessa assembléia, eu estava no operacional e no final das contas o ato foi muito impactante, saiu em todos os jornais, toda a imprensa e nós amanhecemos da manhã e fizemos barricadas em três andares, nas três entradas mais próximas. Nós fizemos umas barricadas sinistras assim, estava tendo umas reformas então nós rolamos alguns cilindros de concreto que se usa para impedir o avanço dos carros, eles estavam soltos. Cara o negócio era mesmo animal, era muito pesado, tinha uns canos desses de concreto também para a tubulação, nós rolamos os canos, rolamos faixa de isolamento, pedra, pau, cadeira, fizemos três barricadas na Reitoria. O Reitor acho que ia entrar e nós fizemos três barricadas “não vão entrar” e eles romperam a mesa de negociação. E nós falando, nós sabíamos que era uma situação complicada, nós falamos: “Bom, eles tentaram testar nossa força também, está bem, nós só saímos daqui com as pautas negociadas”. E fomos para imprensa e fomos para eles e falamos: “Olha, nós queremos negociar, a Reitoria rompeu a mesa de negociação, então, agora está na mão de vocês, se vocês quiserem.” Aí se retomou a mesa de negociação, foi uma reunião de durou três, quatro horas, eu também não estava. Eu estava nessa comissão da ocupação, de manter o ambiente vivo, de várias coisas. E foi o Alemão, o Bernardo, a Raquel, foram várias pessoas negociar e foram muito bons negociadores mas o principal deles terem sido bons negociadores é que eles usaram a força da mobilização e contaram com a força do Movimento Estudantil, eles não tinham outras coisas que... Nós tínhamos a Reitoria ocupada, nós tínhamos o respaldo dos colegas da UFRGS, nós tínhamos a opinião pública em disputa porque não era todo mundo contra, tinha gente a favor no contexto nacional da ocupação da USP, e a própria USP começava a emitir mensagens de apoio a todos os acampamentos, todas as ocupações, olha só... Todas as ocupações de Universidades do Brasil, naquele momento nós já tínhamos vinte reitorias ocupadas, nós deflagramos uma guerra nas Federais e eu acho que veio uma orientação do MEC⁴⁷, não tenho certeza, mas a nossa Reitoria foi muito sensível e o que eles podiam dar rápido eles já deram. Por exemplo, jantar no RU da Saúde. Muita gente não sabe mas foi conquista da ocupação da Reitoria, não tinha janta no RU da Saúde até a ocupação, tanto que uma semana depois já tinha janta no RU da Saúde e nós não queríamos saber

⁴⁷ Ministério de Educação.

de bá, bá, bá. Nós queríamos saber de prazo. Quando vocês vão instaurar a licitação do RU da ESEF, quanto tempo dura a licitação, quando nós vamos poder... Daí nós fomos calculando as datas e era para ser inaugurado no máximo em maio de 2008, uma coisa assim, maio ou julho de 2008 o RU era para estar funcionando. E aí nós conquistamos, eles se comprometeram em votar a favor das cotas dentro do Conselho Universitário e de fato fizeram, foi aprovado, saiu com bastante atraso mas saiu a licitação do RU da ESEF. Nós ficamos pressionando, cada etapa uma vitória: a janta do RU da Saúde, o problema dos professores - reformaram o Instituto de Artes, pintaram a fachada, trocaram os elevadores que era um grande problema... Nós conseguimos pauta para todo o lado, conseguimos a autonomia dos espaços estudantis... Já tinha esquecido: eles deram, garantiram... Nós entramos em todas as unidades, nós barramos o avanço dos caras para cima da Toca da História, que é Toca da Letras, ficou para a Letras, a História foi para outro espaço... Nós conseguimos muita coisa ali e foi um momento muito, muito forte assim, até porque nós chegamos num ápice nacional de mobilização de conquista da nossa Reitoria. Trinta e seis horas de acampamento dentro da Reitoria, de ocupação lá e a gente conquistou quase tudo da pauta, tudo, tudo. Daí a gente foi para uma assembléia e disse: “Galera, conquistamos tudo, borá lá, fizemos nosso papel. Agora é repercutir na UFRGS.” Aí a gente fez um jornal-mural [palavra inaudível], passou em sala, fomos [palavra inaudível]... A ocupação da Reitoria, em linhas gerais, foi isso. Ah só uma coisa: o Serra no final fez o Decreto Declaratório número um, o único Decreto Declaratório da história de São Paulo, é para retificar o conteúdo dos deputados anteriores, ou seja, a maior vitória que nós conquistamos foi com a vitória dos estudantes em São Paulo na USP que conquistaram muitas coisas específicas, muitas coisas, mas principalmente a vitória política de derrotar os decretos do Serra e manter a USP com o caráter que ela tem hoje.

C.J. - Dentro da ocupação teve alguma movimentação de oposição?

R.L. - Dentro desse tipo de movimento nunca tu vais encontrar uma unidade total do pensamento, seria inclusive muito estranho se assim fosse. No movimento com a magnitude que nós construímos é evidente que tinham muitas opiniões, muitas contestações, esse negócio que eu estou te dizendo, por exemplo, hoje é um absurdo não ter ido falar no Fronteiras do Pensamento. Eles iam nos dar o microfone num evento

que tinha um palestrante internacional, tinham oitocentas pessoas no Salão de Atos, muitos ali pais e mães de alunos da UFRGS, formadores de opinião que iam reproduzir a nossa opinião. Nós podíamos ter ganho a opinião dos caras e nós não fomos porque criamos um ambiente de democracia interna e respeitávamos. O DCE não dirigiu sozinho a ocupação da Reitoria; o DCE planejou, executou, mas quem tocou foram os estudantes da UFRGS que referendavam o DCE, isso era muito importante. Era um DCE muito votado na eleição, muito reconhecido, muito mobilizado que tinha respaldo dos Diretórios Acadêmicos, que por sua vez eram muito respaldados no seu discurso, então, a rede do Movimento Estudantil que estava composta nas entidades era muito legítima, não tinha dicotomia. A composição do DCE os grupos petistas foram na ocupação da Reitoria, mas eles já estavam muito enfraquecidos, o que é que eles iam dizer, nós já estávamos conquistando todas as pautas que eles nunca conquistaram, sabe. Então eles não tinham um discurso político [palavra inaudível], aí sempre tem um setor mais autonomista, contra entidade, auto gestão, acampamentos livres e essa galera que reproduz em sua grande maioria uma ideologia conservadora, egocêntrica, individualista, fez uma das piores coisas que nós vimos dentro da ocupação de uma Reitoria: eles iam para o Encontro de Movimentos Sociais, uma galerinha, eles iam embora da ocupação de Reitoria de qualquer jeito e eles estavam dizendo que a gente tinha que manter a ocupação a qualquer custo. Nós não precisávamos sair, só que a ocupação ela é um instrumento, ela não é um fim em si mesmo. Nós não fomos morar na Reitoria da UFRGS inclusive era muito desconfortável tu dormires no chão, tu comeres comida improvisada, que era muito boa. A galera da Educação Física ficou responsável pela cozinha, de alta qualidade pela experiência dos atos-almoço que a gente tinha na ESEF. Nós tínhamos uma cozinha campeira muito forte dentro da Reitoria, a comida era boa mas aquilo uma galera vai ter que cozinhar ali para uns duzentos cabeças, nós vamos ter que gastar um monte, vaquinha, dinheiro das entidades, não dá para ficar numa comunidade alternativa, não era isso que nós fomos construir lá, nós fomos com uma ação radicalizada para resolver nossas pautas. Teve contestação, claro que teve! Teve gente que queria ficar para sempre, teve gente que era contra a barricada, teve gente que... Tudo isso que eu te citei aqui. Teve gente que não estava a favor, mas a maioria dos presentes estava a favor e construía essas iniciativas, e no final das contas, a vitória foi de todos. Teve que gente que não reivindicou a vitória, o problema é seu... Quem quer dizer que foi uma derrota tudo isso que diga. Na

democracia, e nós ainda estamos numa falsa democracia, uma democracia pela metade por assim dizer, nós não temos uma democracia real, mas nós temos liberdade de expressão, as pessoas podem ter seu blog, digitar um jornalzinho, ter opinião, podem fazer só rádio, podem colocar caixa de som e falar suas idéias, as pessoas têm todo o direito de expor qualquer opinião... Agora saber qual é opinião da maioria e a maioria esmagadora dos estudantes da UFRGS... Como no RU da ESEF sabe que é uma vitória, materialmente falando foi uma grande conquista, sem falar em todo o resto. Então nós conseguimos lidar com relativa tranqüilidade porque cria um ambiente de certo desgaste, mas o movimento de ocupação da Reitoria ele era muito além da UFRGS, isso ajudou muito também. Na USP eu sei que eles sofreram mais com esse negócio do internismo, de muita briga no movimento, mas acho que mesmo na USP a galera conseguiu recuperar essas diversidades, essas diferenças de pensamento, porque nós do Movimento Estudantil de esquerda que defendemos a democracia real nós defendemos a democracia real onde a pessoa possa manifestar a diversidade de pensamento, então, ir para um movimento desse e não ter esse tipo de conflito é uma merda porque são os pensamentos presentes na sociedade, por que é que eles não se manifestam na política em geral? Porque a política em geral, ela é democrática, não dá canal de vazão para eles, para darem sua opinião, Então quem não se via representado pelo DCE podia falar, quem não se via representado no DAEFI podia falar, quem não concordava com as pautas podia falar, tanto que essa galera incorporou na pauta a Casa do Estudante do Campus do Vale, que é uma conquista que a Reitoria se comprometeu e ainda não concluiu e nós temos que seguir para conquistar... O conjunto dos estudantes estava se comprometendo com a demanda de todos e nós criamos mecanismos democráticos para todo mundo se expressar mas que a maioria decidisse e que todos executassem.

C.J. - E fora da ocupação tinha alguma oposição por parte dos estudantes?

R.L. - Tinha o movimento da Aliança Conservadora que estava se organizando para participar do Encontro Gaúcho dos Estudantes de Direito que ia ser na UFRGS e aí nós sofremos muito de ameaça anônima, gente dizendo que a Reitoria era muito frouxa, os movimentos fascistas mesmo. O fascismo se expressava ali de uma maneira bastante assustadora inclusive, nós estávamos muito seguros do que a gente fazia, nós tínhamos a nossa própria organização, nós não íamos ser agredidos e não íamos ter condições de

responder... Nós vamos tirar no pau, nós vamos tirar na porrada, inclusive eles cercaram dois militantes fora da UFRGS, na manifestação quando foram ali na Cidade Baixa⁴⁸ comprar mantimentos enfim, angariar mais apoio. Esse grupo da direita - uma vez eu tive essa liberdade -, esse grupo que sempre teve traços fascistas de neoliberais, cercaram e agrediram um colega, deram uma paulada em um colega que depois fez denúncia na Polícia e tal... Sorte que ele não se machucou mais feito, tentaram retalhar com um discurso conservador contra as cotas, contra os negros, contra a esquerda, contra o Movimento Estudantil, contra a Universidade Pública se expandir Eles queriam RU a cinco pila, sete pila, queriam acabar com o subsídio governamental, defendiam cobrança de mensalidade e alguns deles, alguns desse grupo foram até as últimas consequências como no caso desse ato. Depois nós não temos como afirmar se foram eles ou não mas o ambiente que eles criaram na UFRGS de tensionamento, de proliferação do pensamento conservador levou àquela ação desprezível em 2007 daquelas pichações racistas e nojentas que diziam que lugar de negro é na cozinha do RU, contra as cotas... Frases terríveis e símbolos até nazistas apareceram na UFRGS, o Gabriel Afonso Marquesi Lopes que teve identidade, que reivindicava, ele se auto-declarava fascista, mas a ele foi atribuído e-mails neonazistas enquanto disputava o Diretório Acadêmico da Economia. Ele sempre foi desse movimento e até hoje ele disputa eleição par o DCE da UFRGS, ele estava nas comunidades do Mussolini, do Hitler, dos generais brasileiros da Ditadura, no Orkut. Naquela época o Orkut era a rede social mais importante da UFRGS e da sociedade em geral, e ali acontecia cada barbaridade, cada manifestação da barbárie humana mesmo, uns negócios terríveis, mas a nossa força também, nós conseguimos superar inclusive isso, que foi muito importante.

C.J. - E depois da ocupação o que aconteceu com a campanha?

R.L. - A campanha passou para outro estágio que era o estágio da garantia da implementação da conquista. Porque nós já tínhamos conquistado o RU da ESEF, socialmente o Reitor já tinha se comprometido e assinado, o problema é ele regularizar o rango da ESEF. Responder para meia dúzia é uma coisa, responder para sociedade inteira é mais difícil. Então a campanha saiu pela denúncia e pressão do atraso das

⁴⁸ Bairro de Porto Alegre próximo à Reitoria.

instalações das obras e das pressões e chegou um ponto em que nós, quando o estourou o prazo em que deveria ter iniciado RU eles diziam mais um mês, mais um pouquinho, mas aí a licitação estava andando [trecho inaudível]... Nós vamos chegar numa situação limite: ou vocês garantem ou nós vamos ocupar de novo. E aí aquele aspecto da preocupação ficou sabe, nós tínhamos muita força e eles se assustaram, quer dizer se assustaram... Era questão de entender - não era questão de entender era correlação de forças, de disputa política de saber: “Qual é que é, vamos fazer ou não vamos”? A campanha foi para um novo salto de qualidade, foi quase como uma campanha para governar a Universidade... Na pauta do RU da ESEF nós acompanhávamos a licitação dia a dia, departamento a departamento, nós íamos no calcanhar de cada um dos responsáveis por fazer o processo andar. Então ficou uma campanha assim de pressão constante dentro da instância, dentro da mobilização da Universidade.

C.J. - E como é que foi a inauguração do RU?

R.L. - Foi um dia muito, muito especial. Foi em novembro de 2008, eu agora, eu sou bom de data, mas nem tanto, 11 ou 12 ou 13 ou 08 de novembro⁴⁹, alguma coisa assim. Sei que era no meio da eleição do DCE, eu fui coordenador geral em 2007 no embalo das [trecho inaudível]... A gente fez outra chapa, mais renovada, mais ampla, que estourou a chapa, naquele momento a maior: duzentos e tantos inscritos na chapa “Todos iguais, braços dados ou não” era o nome da nossa chapa. Fui candidato a coordenador geral, junto com o Sérgio Gendhall⁵⁰ da Engenharia e a Beliza⁵¹ da Sociais. Nós três fomos candidatos a coordenador geral, tinha uma galera da ESEF que estava concorrendo também mas não me lembro exatamente quais eram os nomes que estavam na nominata, acho que já não era mais o Alemão. Acho que era uma galera nova, inclusive que tinham entrado no Movimento Estudantil pela própria campanha do RU da ESEF. E para nós era o maior orgulho ser da gestão do DCE e da gestão do Diretório Acadêmico não só a gente inaugurou o RU mas das gestões anteriores que também fizeram parte dessa mobilização. Era um dia de celebração, era de nós tornarmos o impossível possível, foi um dia de festa muito grande, muito grande e a Reitoria

⁴⁹ O Restaurante Universitário do Campus Olímpico foi inaugurado no dia 13 de novembro de 2008.

⁵⁰ Nome sujeito à confirmação.

⁵¹ Nome sujeito à confirmação.

apontou no cerimonial cara dura que nos excluiu do processo da inauguração. Convidou o diretor da ESEF, convidou o Hennemann que era o antigo Reitor e já estava a Reitoria nova que era o Reitor Carlos Alexandre Neto, estava o Edilson⁵² da nova Secretaria de Assuntos Estudantis e agora eu não me lembro mas acho que estava lá o Ângelo Pereira⁵³ que foi um cara também muito importante para a conquista do RU da ESEF. Ele era Secretário da Assistência Estudantil, secretário da SAE, e ele sempre teve um trato muito especial com os estudantes, é um cara que eu sinto muito a falta aqui na UFRGS, ele está em Brasília no Ministério dos Direitos Humanos. Um petista que, apesar das contradições que ele assumiu de ser parte de um governo com composição da direita e de ter que engolir muita coisa ruim, ele está no Ministério dos Direitos Humanos agora. É uma figura humana, um cara de uma sensibilidade muito grande, um cara que não tinha ruim, nós fazíamos uma loucurada no meio da madrugada ele nos ligava. Inclusive ele é fruto de uma gestão de diálogo conosco, ele foi um dos caras que evitou a repressão contra o Movimento Estudantil, ele é um cara de muito diálogo, isso era muito importante pois ele sabia os limites de um lado e de outro. Ele sabia os limites da Reitoria e do Movimento, ele não era só um secretário da Reitoria, como é o Edilson hoje que só defende a Reitoria: o Ângelo ajudava a construir a plataforma comum e ainda dizia: “Gurizada, isso aqui nós podemos”. E nós dizíamos: “Isso aqui é pouco, então nós vamos mobilizar mais, nós vamos pressionar mais”. E nós conseguimos construir isso e na própria ocupação isso foi muito importante, essa relação de diálogo. Foi com ele que nós conseguimos recuperar a mesa de negociação para poder discutir as demandas da ocupação, ele foi muito importante nessa mediação do Movimento com a Reitoria e da Reitoria com o Movimento. Não sei se ele estava, não me lembro, sei que estava uma sensação ruim porque ele é um cara que estava durante muitos anos na SAE, na disputa do RU, o cara que jogava muito pelo RU da ESEF... Jogou, claro que com os limites de ser da Reitoria, mas nunca disse: “Estamos contra e vamos barrar de qualquer jeito”. Não! Ele fazia... Pelo menos para mim sempre foi essa aparência, sempre foi essa a sensação e eu vou dizer que eu tenho confiança nele, depois ele virou Vice Pró-Reitor de Extensão, o cara sempre vou admirar e ter respeito desde que mantenha essa coerência, essa conduta. E a inauguração foi o seguinte: eu era o coordenador do DCE, o Alemão era uma das figuras mais emblemáticas da campanha do RU, não tinham

⁵² Edilson Amaral Nabarro.

⁵³ Ângelo Ronaldo Pereira da Silva, então Secretário de Assuntos Estudantis.

cargos a campanha, a gente ia lá e tocava, era uma espécie de figura pública e eu também por conta de ser do DCE. Fui coordenador do DCE num ano e era um dos coordenadores da ocupação da Reitoria, tinha um processo anterior junto com a Educação Física no Diretório, então, eu acabei entrando muito nessa esteira junto. Muito legal e foi uma experiência que me enriqueceu muito, tenho muito orgulho, tenho muita alegria de ter participado em todos os momentos. Então a gente era um pouco os porta-vozes do Movimento, eu como alguém que era de fora da ESEF e muito engajado no DCE e ele como o cara da Educação Física e na hora do cerimonial da Reitoria eles não queriam deixar a gente falar. Foi ridículo: “O que é que é, o que vocês estão pensando, vocês não vão falar”. Eles tinham feito uma placa em que não entrou o nome do Diretor da ESEF⁵⁴, então, a placa deles deu problema entre eles. O Diretor estava, Reitor novo, não era nem o Reitor velho, Vice Reitor, todo mundo que não tinha feito nada pelo RU estava na placa e os que tinham feito a briga da democracia não estavam. E para eles como é importante uma placa, é um negócio impressionante... No Movimento Estudantil a gente não bota o nome das pessoas, a gente bota os nomes das entidades, os nomes da campanha, a gente botou a placa... A placa era muito bonita, que está até hoje lá, foi a única placa que se manteve durante todo o período, a placa que fala da campanha, das mobilizações, agradece todo mundo que lutou nos processos da própria campanha, assinada pelas gestões do DCE que tocou a campanha que eram o “Aberto ao Público”, o “Instinto Coletivo” e o “Todos Iguais braços dados ou não”, duas ou três gestões executivas do Diretoria da Educação Física, acho que duas se não me engano, e três gestões do Diretório Acadêmico da Educação Física assinavam a placa. E é uma placa que é revolucionária, subversiva porque ela termina com uma frase do Lênin que é o segregado da Academia, que é o cara que é criminalizado, revolucionário do século do século XX, que tinha aquela frase dos sonhos que o Lênin fala que nós temos que lutar pelos nossos sonhos sem medida, e aí fala: “Sonhos, acreditem nos seus sonhos, acreditem neles”. E a frase dele estava na placa e nós: “Nós vamos inaugurar a nossa placa, nós vamos falar que isso é uma conquista dos estudantes”. E aí nós fizemos o último ato que foi na inauguração e nós, o que é que nós estamos pensando: “Nós somos loucos”, porque não tinha microfone, era todo mundo de pé na frente do RU, e nós íamos começar a falar igual então eles cederam ali. Daí

⁵⁴ Ricardo Demétrio de Souza Petersen, diretor da ESEF nos anos 1992-1996, 2000-2004 e 2004-2008.

falou o Alemão pela ESEF, eu falei pelo DCE, que eles diziam: “Vocês estão no meio duma campanha, vocês não podem não sei o quê”. Daí eu disse: “Nós não somos do Governo Federal, nós estamos aqui, essa é uma conquista nossa e nós vamos falar.” O pessoal vai falar, todo mundo se mobilizou e nós lotamos o RU da ESEF na inauguração, foi *muita* gente, foi muita emoção. O Reitor queria protocolar: “Não fala de movimento, não fala muito forte”. E nós, eu e o Alemão, fomos os que serviram as primeiras bandejas ainda do RU da ESEF e depois ainda o Reitor queria comer na nossa mesa. Inacreditável, a gente comeu com os caras da Reitoria na primeira refeição do RU da ESEF, a gente comeu com eles, a foto até está eu e o Alemão se servindo e tirando sarro assim. Tinham outras pessoas do DCE e eles se servindo e nós falamos: “Ainda no primeiro dia vai ser de graça”. Daí o Reitor falou: “A Reitoria garante o primeiro dia”. Porque não tinha, estava todo mundo já no ato, aquela confusão. Foi um dia muito especial, foi um dia também que apesar de eu não me lembrar especificamente da data, o evento em si eu não vou esquecer e esse trabalho é muito importante para preservar essa história oral e que a gente possa escrever ela também. A gente escreveu várias coisas, muito fragmentadas, acho muito importante esse trabalho de resgate que a gente está fazendo aí.

C.J. - Como que tu vê o impacto do resultado da campanha nos estudantes e qual é o acúmulo que ficou para o Movimento Estudantil?

R.L.- Ah mudou total, foi a prova cabal que eu vou usar para sempre de que a mobilização conquista, ou seja, foi muito impactante. Os colegas... Muitos apoiavam a campanha mas de uma maneira cética, tipo isso é muito difícil, não dá, é muita burocracia, é muito difícil, é muita pressão, cacete cara. Quando nós começamos a passar em sala a galera viu que nós tínhamos conquistado o RU, que tinha saído na imprensa, e no dia da inauguração, nossa foi um dia muito bom. Na FABICO eu era conhecido como RU da ESEF. Teve até uma coisa muito engraçada que um amigo botou uma foto no Orkut do quarto dele, ou do quarto da namorada dele não me lembro bem, mas era uma coisa meio pessoal, e tinha um cartaz do RU, e daí ele me marcou na foto no cartaz do RU da ESEF e foi muito engraçado a gente bate um papo depois e a gente ficou muito vinculado na FABICO pelas nossas lutas... Mas pela luta da ESEF foi uma comemoração muito grande na FABICO também, isso eu não sei se ficou muito

claro, não sei se a galera sentiu isso, da Educação Física, dos outros cursos, a galera. Quando a gente dizia nas salas: “ “A gente conquistou o RU da ESEF” era um aplauso em todas as salas porque foi uma comemoração em todas as salas, uma pequena comemoração em todas as salas de aula e nós, no embalo de novo do DCE. E era um negócio muito engraçado, nossa oposição era cedente contra nós, era raivosa, era poderosa, era financiada pelo PP⁵⁵, pelo PSDB⁵⁶, pelo PMDB⁵⁷, pela Zero Hora, era uma direita canalha, era o pior da direita do Rio Grande do Sul, financiada com discursinho muito ridículo, muito mentiroso, apartidário, sendo que todos foram candidatos... O discurso depois eles modificam um pouco, expulsaram o nazista da linha de frente, colocaram ele nos bastidores, tentaram se repaginar, mas perderam várias eleições do DCE pela força dessa mobilização. Então o acúmulo foi de que o DCE se tornou uma entidade gigante, a entidade é feita pelas pessoas e pela sua história e a história contemporânea do DCE da UFRGS é muito grande, muito vigorosa, e digo o mesmo do Diretório da Educação Física, do Executivo da Educação Física. No embalo disso tudo a gente realizou o III Congresso de Estudantes em 2007 que teve cento e trinta delegados, o primeiro teve setenta, aí veio o Congresso de 2009 e teve sessenta delegados, aí agora em 2011 realizamos o V Congresso com duzentos e cinquenta delegados eleitos, e mais de duzentos presentes. O Movimento Estudantil da UFRGS amadureceu, cresceu, se complexificou, novos coletivos surgiram, novos movimentos surgiram, novas unidades, novas plataformas, a Universidade mudou de cara, as cotas deram resultado já, elas já vão completar cinco anos do processo das ações afirmativas, a quantidade de gente de escola pública, de negros, dos próprios indígenas, novas demandas, novas perspectivas, nós sacudimos a vida da UFRGS, nós bagunçamos o coreto como a gente brinca. O coreto não foi tipo o Julinho, que é o Colégio de Segundo Grau mais famoso do Rio Grande do Sul. O acúmulo é gigante, gigantesco em termos de história, em termos de credibilidade, em termos de repercussão social, em termos de respeito que o Movimento Estudantil conquistou frente a outros colegas, em termos de discurso, em termos de pessoas que começaram a militar no Movimento Estudantil nessa época e está até hoje, então, foi bem gigante assim, teve muitos aspectos. Por exemplo, em todos os fundamentos, o peso que nós estamos tendo na UNE, nas

⁵⁵ Partido Progressista.

⁵⁶ Partido da Social Democracia Brasileira

⁵⁷ Partido do Movimento democrático Brasileiro.

entidades nacionais, todo... Nós somos uma referência nacional hoje graças a tudo que nós fizemos nesses últimos cinco anos, e a campanha do RU da ESEF foi um marco porque foi a mais dura conquista financeira que foi conquistada, foi o maior investimento que teve, o maior processo de mobilização e ele não teria sido tão exitoso se não fosse tão combinado com os outros. E esse foi o papel, foi a chave do DCE e do DAEFI, conseguir conectar a pauta com os outros cursos e massificar ela na faculdade, botar ela para fora da UFRGS. O vídeo da ocupação da Reitoria que a gente fez foi muito foda porque a gente conseguiu criar um documentário das nossas lutas, de dez minutos que nós mesmos fizemos ali imagens e tal, e o diretor da Engenharia mandou o Laboratório da Engenharia proibir que a gente editasse lá e botou fora metade das nossas imagens por isso que os [palavra inaudível]... Muita gente não sabe, dizem que o Rodolfo⁵⁸ aparece muito nesse vídeo, na verdade o diretor do filme, o Lisandro que montou também teve problema, Lisandro Gordo⁵⁹, colega das Sociais aí, professor do Instituto Federal do Sul, lá em Bagé⁶⁰, muitos diziam que botou muito de um, de outro, mas nós perdemos *metade* das imagens. Se vocês forem ver no vídeo, lista as imagens, são as mesmas imagens dos atos, das partes porque esses caras da Engenharia colocaram as imagens fora... Nós perdemos muito conteúdo riquíssimo da nossa história e inclusive nós fizemos uma moção de repúdio, fomos lá, fizemos um monte, enchemos o saco dos caras, xingamos os loucos lá, dentro do bom senso, dentro da política, dentro dos critérios mínimos de convivência pacífica, mas foi uma questão muito grave, e aquele vídeo foi muito impactante também, foi muito legal, enfim, os jornais da campanha. Porque depois a galera começou a fazer o resgate da campanha do RU da ESEF, acho que nós temos que fazer sempre assim, usar todos os instrumentos à nossa disposição, criar novos instrumentos, usar as redes sociais, usar a internet, mas principalmente conversar olho no olho, interagir, passar nas salas, organizar mobilização, convencer as pessoas da necessidade da ação coletiva. E isso agora no ano de 2011 é mais fácil falar, depois das Revoluções Árabes, depois que nós estamos falando aqui dia 15 de outubro, depois de uma mobilização global gigantesca, multitudinária, sem precedentes, a maior mobilização da História da Civilização que foi ontem, 15 de outubro de 2011. Mas ali nós constituímos as bases para fazer, para

⁵⁸ Nome sujeito à confirmação.

⁵⁹ Nome sujeito à confirmação.

⁶⁰ Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

mostrar que mobilização coletiva ela conquista e ela é mais importante, essa é uma luta que não se mede só pela questão estudantil, ela é uma luta ideológica, é uma luta geral, ela vai, ela enfrenta o cerne do neoliberalismo, que prega que o individualismo, que o homem sozinho, que o indivíduo deve fazer suas próprias lutas. Nós não, nós mostramos que só a luta coletiva pode transformar a realidade e o exemplo da ESEF para alguns foi muito importante.

C.J. - Tem mais alguma consideração a fazer sobre o tema, ou sobre...?

R.L.- Cara na verdade só [palavra inaudível].... A gente é parte desse processo, acho que todo mundo deve ter vivido isso daí, todo mundo que participou foi um momento inesquecível, foi um momento de muito amadurecimento, de muita atividade, foi um momento muito. A gente viveu muito aquela pauta, a gente se mobilizou por ela, se tornou referência para muitas pessoas por ela, mas mais do que ser uma referência na pauta é agradecer o conjunto das pessoas que se mobilizaram, agradecer aos colegas que nunca tiveram seus nomes identificados porque, enfim, são coisas da vida. É impossível que o nome de tanta gente apareça e que pese, nós devíamos sempre fazer um esforço para que isso acontecesse, os que foram nos atos, os que foram nas manifestações, não existem líderes, não existem representações aleatórias, talvez por um momento ou por outro, por falar alguma coisa que deveria ser dita a gente acaba sendo mais lembrado, mas essas pessoas foram que fizeram a campanha do RU da ESEF. Foram os técnico-administrativos que estiveram conosco, que levaram comida na ocupação da Reitoria, foram os poucos professores que deram o seu apoio, que escreveram cartas e que levaram para suas salas de aula o apoio a nossa manifestação, foram os colegas de todos os lugares do país que se mobilizaram, foram os funcionários terceirizados, precarizados do RU que nos davam força e que inclusive trabalham vários deles agora no RU da ESEF... Foi uma série de pessoas e uma série de momentos que devem ser lembrados, que devem ser registrados como justiça histórica, eles são o RU da ESEF, eles são. Daqui a pouco pela dinâmica que o mundo vive, pelas nas mudanças posteriores que a UFRGS vai ter talvez o RU da ESEF se torne algo menor, mas é importante nunca deixar de ver o contexto histórico em que as coisas foram feitas, e dentro do nosso contexto histórico que era o da Bastilha, nosso RU da ESEF e aprovação das cotas digamos assim, cada qual na sua especificidade mas o RU da ESEF

foi uma questão muito importante que nos deu muito respaldo, que nos deu confiança em nós mesmos de que a gente não é maluco, de que a gente está construindo novas bases para um novo mundo, para uma nova universidade, para um novo Movimento Estudantil. E nós somos partes de um processo que não tem como dizer exatamente que começou aqui, que terminou ali. A campanha sim, a campanha teve início, meio e fim. Ela terminou com a abertura do RU da ESEF mas dentro do RU da ESEF depois teve a luta da jantar do RU da ESEF, talvez tenha jantar do almoço do RU da ESEF, talvez tenha jantar para uma minoria da ESEF, talvez tenha a luta da ampliação do RU da ESEF, talvez tenham outras campanhas que derivaram dessa. Então, ser parte desse processo é uma coisa que me transformou numa pessoa muito melhor, mais feliz, mais crente da solidariedade humana, da mobilização coletiva e acho que criou laços para sempre, que as pessoas vão se lembrar por muito tempo. Eu, volta e meia, encontro o pessoal da Banda Talibã, os caras que tocavam naquela banda. Vários deles depois a gente encontra no estádio de futebol, dentro do ônibus, na saída do banco e isso que faz pouco tempo, faz poucos anos e a galera que se forma cada um para seu lado mas tem algo que nos une e vai nos unir por muito tempo que nem esse tipo de trabalho de gravar depoimento, de escrever, de botar referencial teórico, de escrever monografia, de preencher essa lacuna da história que se nós não contarmos ninguém vai contar. Então queria agradecer aqui o convite, a oportunidade de contar um pouco da organização dessa história, parabenizar aqui o nosso formando Fred⁶¹ por essa iniciativa, ao pessoal que está dando força esse projeto lá na Educação Física e esse capítulo que nós estamos escrevendo é um capítulo que deve ser divulgado para todo o Movimento Estudantil da UFRGS e do Brasil.

C.J. - Podemos concluir?

R.L.- Podemos.

C.J. - Então muito obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁶¹ Referência ao entrevistador.